

## FORNADA DO MILÊNIO

# Na Expo, não há ninguém com mãos para baixo

GERALD THOMAS  
em Lisboa

"O fado diz com as mãos para baixo o que o flamenco diz com as mãos para cima", disse certa vez a genial Amália Rodrigues. No entanto, aqui na Expo-98, não tem ninguém com as mãos para cima ou para baixo. "Estamos de mãos atadas e sem forças para berrar", exclama uma cantora de fado bem mais jovem que Amália.

"A última Expo, em Sevilha, tinha os espanhóis com as mãos para cima, de tanta euforia", afirma, triste, um coreógrafo português. "Nesta, de suposta integração com a Europa e uma tentativa empresarial de nos universalizar, estamos, mais que nunca, nos sentindo claustrofóbicos e isolados. Estamos cansados."

A afirmação é de um ator português: "Portugal não funciona porque sua identidade está em baixa", diz ele, "e porque não estamos tendo nada a dizer para um mundo que nos ultrapassa, diariamente, a uma velocidade alucinante."

"Parece que a máquina emperrou, parece que as ilusões de 25 de abril naufragaram. E isso, numa cultura de navegadores, é grave", completa um jornalista que trabalha para um periódico lisboeta de grande circulação. "Nesta Expo, não conseguimos atrair o estrangeiro por total falta de interesse na nossa cultura. Se não enfiarmos ganchos de outras culturas no meio da nossa,

não conseguimos público", diz uma atriz de enorme prestígio em terras lusas.

"Se não nos misturarmos urgentemente ao passo do resto do mundo, vamos acabar tão dilapidados quanto as casas do Bairro Alto", interfere um técnico de som português. "E essas casas são lindas em fotos, são locações belíssimas, mas, no dia-a-dia de uma civilização, nada mais representam senão a nostalgia dos tempos em que éramos grandes", completa. "O tempo nos esqueceu, e não é nenhuma empreitada política ou empresarial que mudará esse quadro", diz a mesma atriz.

"Portugal tem medo de discutir Portugal. Aqui, as coisas não são ditas, são escondidas, camufladas", ela fala, com uma dose de paixão e desilusão que me contagia. "O que dizem? Dizem que a Expo não está atraindo estrangeiros? É outra meia verdade. Não estão conseguindo atrair nem sequer os portugueses. E por quê? Porque o tema é Portugal, e o português tem medo desse tema", continua ela. "Portugal só nos serve enquanto lamento, enquanto podemos chorar o nosso amor por Portugal. Esta Expo é uma mentira, um fracasso, assim como todo o resto (ela aponta em volta)."

Estamos no centro de uma cidade em obras. Obras do metrô, obras de renovação que não terminam. Ninguém parece interessado no término delas. Ninguém parece interessado em ver o rosto depois da



plástica. A cidade, que deveria estar pronta para a inauguração da Expo-98, está longe disso. Os portugueses reclamam, andam na lama deixada por montanhas de terra nas calçadas e se sentem invadidos por um evento que veio maquilar sua cultura, justamente no momento em que ela mais precisava se olhar no espelho.

Eu não tinha a menor vontade de ir à Expo. "Quero que você veja a Mísia, uma fadista jovem, incrível", um jovem autor tentava me seduzir. "Ah, sim, a convidada dela é a Bethânia."

Pronto. Não tive dúvidas. Fui correndo.

Na enorme "piazz" com 20 cabines, que vendem ingresso para Expo-98, não havia mais que umas 50 turistas. "Onde estão as pessoas?", perguntei a uma recepcionista poliglota, gentil, simpática. "Já estão todos lá dentro a esperar pela Bethânia. Isso aqui foi uma loucura mais cedo", dizia ela. "E o público da Expo?", pergunto. "Não há," responde ela, meio cabisbaixa, "tem sido tudo calmo, até a hora da Bethânia. Ai, sim, foi uma loucura!"

Chegando à cabine dos ingressos, a primeira coisa que noto é o desenho de uma caveira grafitado em cima da placa que diz que a Expo aceita cartões de crédito. "Compre o ingresso com cartão e leve um bolão", gritava o anúncio. "O que vem a ser um bolão?", perguntei à recepcionista. Ela sorriu e se desculpou: "Não sei, não nos informaram". Tirei o meu Visa do bolso e pedi três ingressos.

Senti um clima. A bilheteira me olhou fundo nos olhos e, com meu cartão na mão, confessou que ainda não estava preparada para aquilo. "Como assim?", eu esbravejei. "Como é que, no quinto dia da Expo, você não está preparada para aceitar o meu cartão? E que tal essas dezenas de anúncios pedindo que eu use o cartão?" Com uma mistura de arrogância e ignorância (típica de quem está com a identidade em cheque), ela evitou a resposta e investiu numa alternativa: "O senhor não gostaria de pagar em dinheiro?".

Talvez o meu sangue tenha fervido rápido demais. Não tivesse eu vindo de dois dias de frustrantes reuniões, que acabaram por revelar o lado mais provinciano e xenofóbico dessa sociedade, talvez eu tivesse colocado os 6.000 escudos ali, sem discussões. "Não liga, não, tudo isso é justamente o contrário, é complexo de inferioridade", diz minha amiga atriz. Inferioridade ou não, eu me recusava a sair dali, a não ser que ela aceitasse o meu cartão

de crédito cem por cento legítimo, americano, de plástico, a "alma", enfim, do moderno capitalismo global. "Daqui eu só saio com ingressos na mão", declarei, para a minha turma de incrédulos lusos.

A cabine da bilheteria foi invadida por supervisores, colegas bilheteiras e até diretores do evento. Todos manipulavam meu cartão e me olhavam com uma expressão enigmática. "Mas não é possível", dizia eu, "isso aqui é a Expo-98, uma exposição mundial de tecnologia!!!" Tive de andar até a sala da diretoria. Sentei e esperei um "técnico" que viria de outro pavilhão. Eu estava na entrada principal da Expo-98, circundado por anúncios de cartões. Até os primeiros dez minutos desse transtorno, eu não havia ouvido um único pedido de desculpas. Só caras amarradas, irritadas por eu querer pagar com cartão.

"Quero ver a Bethânia", esbravejava. "O senhor viajou até aqui para ver a Bethânia?", perguntou um burocrata desconfiado. Olhei para tudo em volta, respirei fundo, peguei no jornal que trazia a foto dela na capa e percebi que sim. "Sim, vim até aqui para ver a Bethânia." respondi e saí andando, até ele me perder de vista. Ninguém me perseguiu.

"Eles não têm mais coragem", disse minha amiga, "e, além do mais, a Expo precisa de público."